

## Formas urbanas de uso da ayahuasca: recorte transversal e panorâmico \*\*

Francisco Assis de Sousa Lima \*

Existem livros que nascem datados e outros que, mesmo datados, nascem “vivos”, embriões em pleno desenvolvimento. É o caso de *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*, de Beatriz Caiuby Labate – a Bia Labate - que surpreende o seu objeto de estudo em meio a um processo aberto de construção e configuração. Questões imediatas surgem: de que maneira e por quanto tempo se manterá tudo isto? Qual a sua consistência e legitimidade? O livro não se aplica a responder objetiva e concretamente tais perguntas, mas nas linhas e entrelinhas do campo organicamente estudado são constantes as reflexões a respeito.

Que substância é esta “ayahuasca” e quem são seus portadores e usuários? É uma longa história e dela já se tem uma ampla bibliografia, que a autora mesma em parte compilou, na sua bem sucedida coletânea *O uso ritual da ayahuasca*, da mesma editora. Trata-se de um preparado psicoativo, chá resultante do cozimento do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis*, conhecido por vários nomes no âmbito indígena, caboclo e urbano, dentre eles: yagé, caapi, daime, ayahuasca, hoasca, vegetal, denominações que variam de acordo com a procedência.

O uso deste chá é múltiplo em diversos países da América do Sul. Segundo a autora, entre os indígenas está associado ao xamanismo; entre os *vegetalistas* ou curadores a forma de uso mescla o universo indígena com influências esotéricas urbanas; entre as religiões ayahuasqueiras ou hoasqueiras (caso único do Brasil, onde estas modalidades de religiões prosperaram em populações não-indígenas), o uso vem plasmado por elementos do curandeirismo amazônico e do catolicismo popular, da tradição afro-brasileira, do espiritismo kardecista e do esoterismo de origem européia, exemplificados no *Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento* e no movimento *Rosa Cruz*.

Dentro do chamado *campo ayahuasqueiro brasileiro*, a autora identifica e rastreia uma *rede urbana de consumo da ayahuasca*, na qual estariam inseridos os *neo-ayahuasqueiros urbanos*, os quais constituem o objeto maior do seu estudo. Convém lembrar que o *campo ayahuasqueiro* abrangeria não só as religiões ayahuasqueiras tradicionais (caso em que se destacam o Santo Daime e a União do Vegetal ou UDV), como também os ayahuasqueiros alternativos, que integrariam uma *rede urbana* de utilização da ayahuasca. Nos extremos indígena e caboclo se situariam os índios “xamãs” e os curadores ou vegetalistas, enquanto na outra ponta estariam os emergentes psiconautas e o turismo psicodélico. Na visão da autora, é justamente na ocupação de um espaço limiar, marginal, “entre”, que incidiria o aparecimento de novas e múltiplas versões de consumo urbano da ayahuasca: “Uma das características dos neo-ayahuasqueiros é navegarem em espaços de intersecção, gerando, portanto, incômodo”.

Bia Labate investiga até que ponto estas inovações representam rutura ou são apenas “parte da dinâmica das religiões ayahuasqueiras brasileiras de constante criação de novos grupos, desmembramentos e fissões”. O livro mostra que por trás da aparente pulverização do uso do chá nos meios urbanos, “tal disseminação se dá dentro de certos

critérios e obedecendo à mesma lógica eclética que caracteriza as matrizes tradicionais das religiões hoasqueiras, dentre elas o Santo Daime e a União do Vegetal”. No caso mais específico que ela acuradamente estuda – o *Caminho do Coração* – liderado pelo terapeuta Janderson, a “cola” se dá através da ligação de um tripé que une a linha da floresta (ayahuasca) ao Orientalismo, passando pela interface Nova Era-Psicologia. Observe-se que, segundo a autora, uma característica da Nova Era é justamente “a livre combinação de diversas tradições religiosas, culturais ou filosóficas de acordo com o repertório do sujeito-criador”. Ou seja, há um campo propício para o amálgama cultural, que a ayahuasca, pela sua plasticidade e versatilidade, acentua e inspira, acarretando com isso questões de responsabilidade social.<sup>1</sup>

No caso do *Caminho do Coração* um diferencial é dado pela interface terapêutica, onde, por exemplo, a sessão individual com daime e a linha de trabalho como um todo “possuem um cunho psicoterapêutico, sendo ao mesmo tempo concebido por Janderson como um *ritual sagrado*”. Aqui tem lugar toda uma visão ou revisão a respeito da noção de ritual, que para a autora “contém uma certa elasticidade, que vem sendo reapropriada e revalorizada de acordo com os objetivos políticos e sociológicos de cada estudo”.

A autora reconhece, por outro lado, a trama política envolvendo o que chama de “reificação” ou idealização excessiva da idéia de uso ritual e religioso. Para Bia, esta questão defronta com a necessidade de um novo paradigma: “A oposição entre sagrado e profano e suas variantes não são suficientes para dar conta de usos recreativos e lúdicos, voltados para fins clínicos ou de pesquisa científica e para fins artísticos, entre outros”. Neste ponto o posicionamento político da autora é manifesto.

Para ela não se justificariam restrições (ou um “maior preconceito”) em relação a práticas não estritamente religiosas com a ayahuasca. E ao defender o *direito* dos neo-ayahuasqueiros de utilizarem a ayahuasca em seus diversos rituais em contexto urbano, problematiza o próprio conceito de religião, cujas fronteiras são amplas e complexas. Opõe-se, por outro lado, ao que chama de *apartheid*, ou seja, um posicionamento que rejeita “a substância” do outro e que estaria relacionado a “um sistema proibicionista que criminaliza consumidores que, além de não apresentar soluções eficazes para o problema, torna o conflito mais violento”.

Noutras palavras, a tradição não se sustentaria por si própria, e uma determinada prática ritual passaria a ser legítima não pelo fato de ser “tradicional”, e portanto “sagrada” em oposição a “profana”, mas pela sua inserção no universo simbólico e de valores de uma determinada sociedade, para além dos mecanismos hegemônicos de *controle* ou de *poder*.

---

<sup>1</sup> Convém lembrar que, do ponto de vista prático e social, o sistema de distribuição do chá varia conforme as instituições. A dinâmica de trocas materiais e simbólicas que então permite acesso ao chá lhe confere “valor de uso” diverso, dependendo de como cada grupo insere a questão do custo material do mesmo no seu contexto religioso. Segundo a autora, no âmbito das igrejas ayahuasqueiras matrizes e grupos “neo” como o do *Caminho do Coração*, o assunto estaria bem administrado, pois “a produção do daime não é feita em um circuito comercial cujo objetivo é a geração de renda ou lucro e sim a satisfação das necessidades de consumo ritual”. Ao longo do texto é demonstrado que a *rede neo-ayahuasqueira* está inserida no *campo ayahuasqueiro*, advindo daí mecanismos de controle internos, inclusive em relação à não comercialização (propriamente dita) do chá.

A autora observa, no campo estudado, uma espécie de *tensão* de auto-afirmação das diferentes vertentes ayahuasqueiras, o que toca na questão do saber e do poder (ou do poder pelo saber) e assim da auto-legitimação.

Na minha experiência, e pelo que venho acompanhando dentro da prática clínica, há situações em que é preciso uma certa dose de experimentalismo para que se deflagrem processos de conhecimento ou de investigação da realidade. Além disso, por mais diletantismo que houvesse nessas incursões enteogênicas<sup>2</sup> com a ayahuasca, a própria natureza da reação orgânica à mesma parece oferecer garantias preventivas contra o *abuso*, num sentido farmacológico (que inclui também o aspecto cultural) da expressão.<sup>3</sup> Por outro lado, pode-se imaginar que não estejam ausentes os riscos de uma outra forma de *abuso*, por assim dizer, o “abuso” de concepções ou cosmologias engendradas num terreno sensível, propiciado pelos estados modificados de consciência.

É talvez esta a parte mais delicada deste trabalho, onde a autora, mantendo o compromisso ético e de coerência com o fazer acadêmico, transita de modo ao mesmo tempo distanciado e participativo, dentro de uma abordagem etnográfica diferenciada – “aparentemente misturada” - ousando um lugar de *antropóloga ayahuasqueira*. Assim, consegue manter-se a um só tempo “por dentro” e de fora, numa atitude interativa mas não aderente, numa tentativa de aproximação à linha de busca do outro. E por meio das descrições e aproximações, damos-nos conta de que, no âmbito ayahuasqueiro o pluralismo religioso, dentro de algumas constantes de valores positivos, parece ser uma tendência prevalente. Tal evidência é afirmada por Bia: “É possível prever uma ampla tendência de expansão e diversificação da utilização da ayahuasca nos centros urbanos e antever o surgimento de uma enorme pluralidade nos modelos possíveis”.

Ao mesmo tempo, faz ponderações sobre conseqüências imprevisíveis dessa infiltração “rizomática”: “Neo-ayahuasqueiros podem estar operando um processo de subversão lento, semeando irregularmente elementos que contradizem, revertem ou rompem os princípios ordenadores do campo ayahuasqueiro. Ou não: é muito cedo para avaliar”. Se é muito cedo para afirmações categóricas nem há dados suficientes para se fazer uma projeção de como a *rede ayahuasqueira* (ou mesmo suas matrizes) se manterá e evoluirá, tampouco podemos fazer um juízo de valor *a priori* sobre a consistência e legitimidade das práticas neo-ayahuasqueiras, mas, considerando a experiência já adquirida, podemos reconhecer que a ayahuasca requer critérios de uso que favoreçam a expressão de seu potencial benéfico.

Fica da leitura o reconhecimento de um trabalho original, abrangente e versátil, sem excessos intelectualistas, dosado com reflexões teóricas provocativas e instigantes, bem ao estilo da autora, resultando num vivo recorte transversal e panorâmico do tema. A linguagem é fluente e descontraída, chegando por vezes ao tom da crônica de bastidores

---

<sup>2</sup> Relativo a “enteógeno”: designação substitutiva ao termo pejorativo “alucinógeno” e que vem sendo proposta por etnobotânicos para abranger o potencial de ligação com o sagrado, que seria próprio de determinadas substâncias psicoativas, dentre elas a ayahuasca.

<sup>3</sup> “Abuso: auto-administração de qualquer droga de maneira desaprovada culturalmente que causa conseqüências adversas” (*Psicofarmacologia – Base Neurocientífica e aplicações práticas*. Stephen M. Stahl, 2<sup>a</sup>. ed., p. 490).

sem, contudo, entrar na *fofoca* (cujo alcance sociológico, imagino, poderia render outras teses). Dentre outros aspectos que não pretendo aqui esmiuçar, destaco ainda o tratamento ousado mas cuidadoso dado pela autora ao assunto como um todo, cuidado justificável pela natureza polêmica e pelo histórico de questionamentos médico-jurídicos que o envolve.

Os objetivos de Bia Labate de traçar o mapa e a dinâmica do *campo ayahuasqueiro* brasileiro – em cujo âmbito e limite se situa a *rede neo-ayahuasqueira* - foram bem delineados e alcançados. Acrescente-se a isto a corrente de personagens sociais outros que ela apresenta, em rica fauna, e sobre cuja identidade reflete: psiconautas, neonativos, neoxamãs, turistas psicodélicos, turistas xamânicos e curandeiros modernos e ortodoxos.

É cedo no entanto para se saber até que ponto se concretizará a intenção da autora de, com este livro, a partir do instrumental antropológico, “*mitigar a intolerância*, seja da sociedade como um todo em relação aos grupos ayahuasqueiros, seja no âmbito interno desses grupos, onde a troca de acusações, disputas e pretensões de legitimidade exclusiva são freqüentes”.

Só o tempo confirmará, igualmente, a projeção otimista e integradora em relação ao “pertencimento simbólico e material dos neo-ayahuasqueiros a uma determinada *rede ayahuasqueira*”, na qual os mesmos estariam “dentro dos parâmetros da legalidade vigente, que permite o consumo da ayahuasca em contextos religiosos e rituais”.

### ***A REINVENÇÃO DO USO DA AYAHUASCA NOS CENTROS URBANOS***

LABATE, Beatriz Caiuby.

Mercado de Letras/Fapesp, Campinas-São Paulo, 2004, p.535.

ISBN 85 85725-037-X

---

\*\* Resenha publicada originalmente na revista *Religião & Cultura* – Dep. de Teologia e Ciências da Religião – PUC-SP; vol. IV, N. 7 JAN/JUN 2005, ISSN 1676-6881.

\* *Francisco Assis de Sousa Lima* é psiquiatra e psicoterapeuta, mestre em Psicologia Social-USP. Autor do livro *Conto popular e comunidade narrativa (Prêmio Silvio Romero-Funarte)*. Escreveu artigo, resenha e resumo de pôster relacionado ao tema “ayahuasca”, respectivamente: 1) *The ritual of Hoasca: comments and Advices*, MAPS, v.7, N.1, Winter 1996-7, pp.25-26; 2) resenha do livro *Ordem, xamanismo e dádiva – O poder do Santo Daimé*, de Arneide Bandeira Cemin, Revista de Estudos da Religião-PUC-SP, N. 3, Ano 4, 2004, [www.pucsp.br/rever](http://www.pucsp.br/rever). 3) *Sistema de Monitoramento Psiquiátrico em Usuários do Chá Hoasca*, Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 24, suppl. 2, SP, out./2002 (em colaboração). [f.assis.lima@uol.com.br](mailto:f.assis.lima@uol.com.br)